

TEATRO | DIOGO BERNARDES

PONTE DE LIMA
1999



L DE PONTE DE LIMA



Ponte de Lima



TEATRO | DIOGO BERNARDES

PONTE DE LIMA
1999

EDIÇÃO: ARQUIVO DE PONTE DE LIMA / CÂMARA MUNICIPAL DE PONTE DE LIMA. FOTOGRAFIAS: AMÂNDIO DE SOUSA VIEIRA. APOIO: GRUPO DE ALUNOS DO CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS DA UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA. DATA DE PUBLICAÇÃO: 4 DE MARÇO DE 1999. TIRAGEM: 1000 EXEMPLARES. DEPÓSITO LEGAL 131388/99. EXECUÇÃO GRÁFICA: BARBOSA & XAVIER. LDA., ARTES GRÁFICAS. BRAGA.

AINDA não há muito tempo, ao passarmos pela estrada nacional 203, à entrada da vila, pela Ponte de Nossa Senhora da Guia ou num simples passeio pela Avenida dos Plátanos, não podíamos ficar insensíveis ao secular Teatro Diogo Bernardes.

Abandonado, preterido, sem perder a dignidade, com toda a altivez e nobreza, parecia murmurar que tinha sido esquecido pelos habitantes de Ponte de Lima e da região.

Ele que, durante décadas, animou e encantou gerações com todo o tipo de espectáculos, tornando-se assim uma referência ímpar na dinamização cultural.

O teatro, a música, os bailes, o circo, todo o tipo de récitas, declamações e saraus e, mais tarde, o cinema, desde o mudo ao sonoro e até ao cinema a cores, fizeram parte do dia-à-dia de Ponte de Lima através do Teatro Diogo Bernardes.

Pelo seu palco passaram os nomes mais sonantes do panorama artístico nacional em várias épocas.

Quando, há mais de um século, um grupo de limianos empreendedores tomou em ombros a empresa de erguer uma sala de espectáculos, as motivações eram outras. Sem televisão, sem cinema e, porque não dizê-lo, sem a *internet* e o *cyberespaço*, a arte de Talma era considerada como um dos «elementos mais poderosos da civilização» na época.

Nada melhor para ilustrar as vivências dos finais de oitocentos e dos inícios de novecentos, do que parte do poema intitulado *Mundana*, do nosso Poeta António Feijó, publicado nas suas *Bailatas*:

*De flor ao peito, uma gardénia rara,
E uma pérola enorme no plastrão,
Monóculo sem fita, luva clara,
Tudo numa subtil combinação,*

*Chamo um coupé, meto-me dentro, e toca!
Dîner en ville! Convidados, damas,
Tudo que a Moda de elegante invoca,
— Decotes pondo em nossos olhos chammas.*

*Ao teatro vou também, mas raras vezes,
Quando não tenho a noite prometida;
— É distração mais própria de burgueses
Do que de gente fina e bem nascida.*

*Mas em noites de «Lírico» não falto;
Vai tôda a gente conhecida, toda!
Correm-se os camarotes, fala-se alto...
A Ópera, que importa? É Moda, — é moda!*

Como podemos ver, o teatro era um local de encontro e de sociabilidade. Voltar aos velhos tempos é impensável. Devemos, no entanto, recordar o passado e colocarmo-nos um imperativo — adquirir hábitos de espectador.

Voltar a fazer do Teatro Diogo Bernardes um espaço normal do nosso quotidiano e parte integrante dos circuitos culturais e lúdicos da região é uma obrigação de todos nós.

Só com o empenho de todas as forças vivas isso será possível, mas estamos conscientes de que, ao contribuir para um futuro melhorado, não envergonhamos os nossos antepassados que mandaram construir e nos legaram este belo edifício que hoje, 4 de Março de 1999 — Dia de Ponte de Lima —, reabre as suas portas para nosso contentamento, cumprindo-se um dos maiores sonhos das gerações de limianos contemporâneas.

O desafio está lançado.

Este acto constitui um marco assinalável na história e vida de todo o concelho e referencia igualmente a viragem de uma nova página na vida cultural de Ponte de

Lima e até do Vale do Lima. A partir desta data já nada é igual para as pessoas e as colectividades que têm vontade em querer fazer ou participar de algo que melhore e complete o seu quotidiano.

Convém também referir que esta publicação não pretende ser um estudo de fundo sobre o Teatro em Ponte de Lima. O tempo e os meios disponíveis não o permitiram. Contudo, esse trabalho está em curso e a informação já recolhida e tratada justifica, de facto, uma monografia que brevemente virá a lume.

A equipa projectista, os técnicos de teatro envolvidos, a Companhia de Teatro do Noroeste, o empreiteiro adjudicatário, as empresas das especialidades — som, luz, segurança, ar condicionado, aquecimento, decoração — os encarregados e operários da obra, merecem aqui uma referência muito especial pelo empenho demonstrado no decorrer da mesma.

Por último, uma palavra de apreço para todos aqueles que, de qualquer forma, apoiaram a reabertura do Teatro Diogo Bernardes, incentivando a Autarquia, prestando informações, disponibilizando documentos, divulgando conhecimentos.

DANIEL CAMPELO

(Presidente da Câmara Municipal de Ponte de Lima)



1893

THEATRO DIOGO BERNARDES

O PASSADO

UM SÉCULO DE HISTÓRIA

O Teatro Diogo Bernardes, edifício de vulto que se ergue no gaveto da rua Agostinho José Taveira com a dos Terceiros, é um testemunho do esforço financeiro de aristocratas, comerciantes e brasileiros de torna-viagem.

A comissão promotora deste empreendimento era presidida por João Rodrigues de Moraes, então Provedor da Misericórdia, por Francisco António da Cunha Magalhães e pelo Dr. António Inácio Pereira de Freitas.

Na sequência do diploma que extingue em 1834 as ordens religiosas e consumada a nacionalização dos seus bens, o edifício do Convento de Santo António dos Frades Capuchos é totalmente alienado pela Fazenda Pública em 1855. Promove-se, assim, a oferta de terrenos urbanos no extremo meridional da vila.

Com o advento da Regeneração, uma iniciativa municipal com o objectivo de urbanizar aquela parte da vila, contempla a abertura da rua/estrada para Darque e Barcelos, sendo para isso expropriado o Pomar do Marquês de Ponte de Lima.

Assim, a comissão promotora da futura casa de espectáculos decide em reunião de accionistas, a 19 de Fevereiro de 1893, na sede da Assembleia Recreativa 1.º de Dezembro, adquirir uma parcela do mesmo terreno



João Rodrigues de Moraes, o principal impulsionador do Teatro



PONTE DO LIMA (Portugal). *Panorama* — 4

38 — F. A. M. — Lisboa

Entre o casario, ergueu-se a mole imensa do novo Teatro
(postal ilustrado da época)

anexa à antiga casa do noviciado. Um total de 1500 m², que custou um conto e duzentos mil réis, destinado a implantar um edifício de três pisos, conforme os objectivos e Estatutos publicados no *Diário do Governo* a 6 de Fevereiro daquele ano.

De seguida, a organização mandou elaborar o respectivo projecto, que ficou entregue ao Arquitecto municipal de Viana do Castelo, António Adelino de Magalhães Moutinho. Este Técnico tinha já no seu *curriculum* o projecto da casa da família Belfort Cerqueira, à rua Manuel Espregueira, em Viana do Castelo e, em Ponte de Lima, um prédio no Largo de



O Teatro Diogo Bernardes na fase final da construção
(postal ilustrado da época)

Camões (hoje filial do Banco Espírito Santo), encomenda do Presidente da direcção do Teatro, o referido João Rodrigues de Moraes.

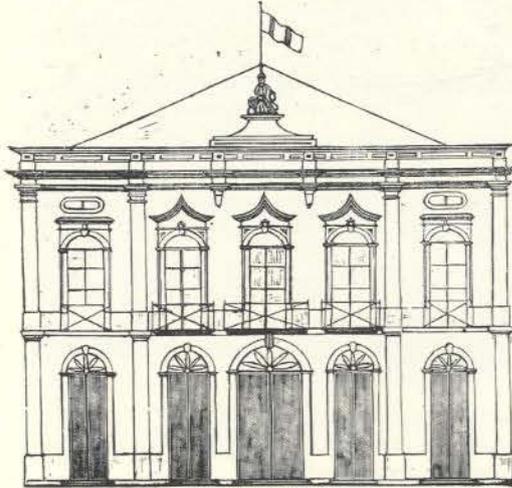
O capital social subscrito totalizava setenta contos de réis. A primeira subscrição não foi suficiente para garantir a obra, propondo-se então uma nova emissão de acções ou a contracção de um empréstimo. Optou-se pela primeira solução sendo a garantia dada pelo Presidente da Sociedade, que subscreveu cem das setecentas acções disponíveis, o que permitiu iniciar de imediato a obra. O prazo de execução foi fixado em dois anos e meio e as obras tiveram início em 1894, tendo adjudicado a

O NOVO THEATRO DE PONTE DO LIMA

ILUSTRAMOS hoje a «Vida Nova» com dous *croquis* do projecto do theatro que uma commissão de cavalheiros de Ponte do Lima vai levar a cabo por meio d'um empréstimo que foi immediatamente prebendado. Os desenhos que apresentamos representam as fachadas principal e lateral, não podendo pela difficuldade e dispendio

sido d'um theatro-circo, mas attendendo que um edificio d'esta natureza era inutil para uma localidade da provincia que não possui elementos para sustentar uma companhia equestre, e por que é muito dispendiosa a sua construcção, os promotores desistiram d'a primeira tentativa e resolveram verter sem realidade o projecto que hoje apresentamos.

com patim collocada junto a ellas, ao fundo dos corredores, servindo a do lado direito tambem para o serviço do palco. Por baixo das escadas do lado esquerdo fica a 1.^a ordem de camarotes lica a retrete principal composta de 2 assentos, vedados por portas, de que as chaves devem estar no theatro, e de tres mijad



FACHADA PRINCIPAL (fig. 1)

apresentar-mos tambem o resto das plantas que representam o exterior do edificio.

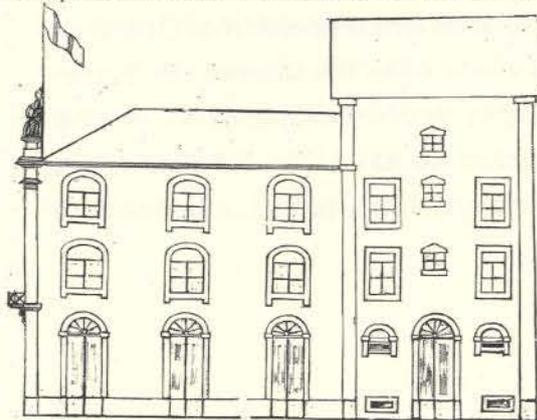
Este projecto que é elegantissimo e muito semelhante ao do theatro Sá de Miranda d'esta cidade foi elaborado pelo habil architecte municipal d'este concelho sr. Antonio Adelinio de Magalhães Moutinho a quem devemos a obsequiosidade dos elementos que nos prestou para poder-mos apresentar hoje a descripção illustrada d'esta importante melhoramento, que honra não só os seus promotores mas

A sala de espectáculo affecta a forma de ferradura, e é composta no primeiro plano de plateia inferior com 82 logares fora 4 para a policia; de plateia superior com 60 lugares; de espaço para a orchestra com o comprimento de 8^m,20 por 2^m,00 de largo, separado da plateia superior por grade de ferro com a altura de 1^m,00, de galerias em 3 files devendo comportar cerca de 160 lugares, e de duas frizas no arco de bocca e sobre o espaço da orchestra, destinadas a do lado direito a

raços e guarnecidas a louza de Valongo, com descarga para a fossa do retrete.

As entradas para a orchestra ficam por baixo das frizas de bocca, as das galerias, por baixo das galerias, junto ás ditas frizas, as das galerias, por ascadas com 8 degraus a partir dos corredores, e a da plateia inferior por entre as galerias e por baixo do camarote do centro.

Ao nivel da 1.^a ordem de camarotes, que é o andar nobre do edificio, fica na primeira parte d'este, o salão com o compr



FACHADA LATERAL (fig. 2)

tambem aquella pittoresca localidade.

Da memoria descriptiva que nos forneceu o auctor do projecto transcrevemos os periodos principaes d'esse bem elaborado trabalho e pelos quaes o leitor pode avaliar perfeitamente a sua importancia.

O projecto apresentado tinha

autoridade administrativa e a do lado esquerdo á direcção do theatro, tendo aquella, porta de communicação directa com o palco, e esta tendo junto tambem uma porta de communicação para o palco, mas accessivel ao publico.

Para as frizas de bocca dá acesso uma escada de 9 degraus

mento de 9^m,20 por 5^m,10, e lateralmente a este ficam 2 gabinetes, destinados o da direita ao escriptorio da empresa, e o da esquerda a toilette das senhoras.

Os camarotes são em numero de 15 em cada ordem, são separados entre si na frente por colunas de madeira em que

apoiem os arcos e interformente por tapapes de madeira não os vedando completamente, de forma que do meio de cada um para a frente se pôde ver de uns para os outros.

Toda a lilla de camarotes é avançada 0^m,40 das colunas formando sacadas em toda a extensão.

Os arcos dos camarotes são em forma de *anse de panier* e descarçam sobre pequenos capiborrus lhos e columns na lilla d'imposta.

A fachada principal (Fig. 1) tem 5 portas no andar do resdo-cão, todas de abrir para fóra, sendo uma a central que forma a entrada principal; as outras dizem respeito aos compartimentos do bilheteiro, boqueleiro, botequim, e salleta de espera dos trens, e tanto esta como o botequim tem ainda mais uma porta cada uma tambem de abrir para fóra, virada ás ruas lateraes de serviço.

Nos corredores que dão communicação ás galerias, plateia superior e orchestra, ha em cada um d'elles duas portas eguaes ás anteriores e tambem d'abrir para fóra.

Estas portas acham-se dispostas 2 uma de cada lado mesmo em frente das escadas das galerias e as outras duas, uma tambem de cada lado, quasi em frente ás outras das da plateia superior e da orchestra.

Ao pateo de distribuição convergem as escadas dos camarotes, a sahida da plateia inferior e as da superior e galerias.

As dimensões dadas a todos os corredores, escadas, pateos, etc., devem permitir um regular serviço mesmo nas noites de maior enchente, pelo vestíbulo e entrada principal, havendo ainda as portas do botequim por onde decreto se estabelecerá algum serviço voluntario de entrada e sahida, o que auxiliará o da principal, não havendo portanto necessidade de se utilizar das outras, e n'esto caso parece que ellas são desnecessarias.

Mas n'um caso de sinistro, estabelecido o pânico, e com elle a precipitação da sahida quantas mais portas melhor para a facilidade retirada.

Pelo que já fica dito as plateias comportam 142 pessoas, e a orchestra pode comportar 25, ao todo 167 pessoas, e temos para dar sahida para os corredores e pateo de distribuição 5 portas de maiores ou menores aberturas, que darão prompta vazão a toda a gente que estiver dentro:

A abertura do arco da bocca é de 8^m,20 tendo a altura de 9^m,50.

A parte do palco, tem contra-regra, *foyer* e 12 camarins, cada um com 4^m quadrados.

A sala de espectáculo é elegantissima, muito differente da do theatro de Vianna, tendo em lugar de frizas, uma galeria em amphitheatro, de grande vantagem e commodidade para o publico.

Todo o projecto está construido sob as indicações aconselhadas modernamente para em caso de incendio, poder dar franca vazão nos espectadores.

Agradecemos ao sr. Magalhães Moutinho todos os esclarecimentos que nos prestou para apresentar-mos hoje esta ligeira noticia sobre o novo e elegante theatro de Ponte do Lima, aproveitamos a occasião para lhe enviar os nossos parabens, pela magnifica e feliz elaboração do projecto, que é um trabalho de aturado estudo e uma prova da sua elevada competência.

NOTAS ALEGRES

VII

Foi filho de Maré, e de momento. E'n' alopia ainda se transformou: E' pra viver tambem do orçamento. Em terrível jorna' sa se mudou.

Deixando Villa Verde — patrio lar — de Nogueira e discípulo agora. E para as saudades bem mistar O'verde! esp'raçca elle 'm' a'laral

Juvenal.

A NOSSA CARTEIRA

Fazem annos:

A'manhã — os sr.s José de Barros Lima Junior e Antonio da Pena.

NOTAS & FACTOS

Roubo

Esta noite, foi assaltada a importante fabrica de Lanifícios, á Cancellia d'Areosa, pertencente a nossos amigos Couto Vianna, Irmãos.

Apesar da fabrica ter um guarda nocturno, os gatinhos, quebraram os vidros das portas das exteriores e arrombando a porta do escriptorio, introduziram-se dentro, subtrahindo apenas por não terem naturalmente tempo para grandes commettimentos, algumas estampilhas no valor aproximado de 600 rs.

Espectaculo

A'manhã, realisa-se um magnifico espectáculo, na proxima freguezia da Meadella, com um escolhido e convidativo programma.

Repetem-se algumas das peças, applaudidas no ultimo espectáculo, e outras novas e de effeito.

Chronica religiosa

Hoje—Lausperenne no Carmo, e á tarde septenario á Virgem das Dóres na Misericórdia.

A'manhã — Lausperenne no real sanctuario d'Agonio, e sermão quarantinal na Matriz e S. Domingos.

Reservas

Por edital publicado, são avisadas todas as praças da 1.^a e 2.^a reservas d'este concelho de que a revista de inspecção relativa ao corrente anno hade ter lugar no edificio do quartel de infantaria n.º 3 no dia 23 do proximo mez de abril pelas 11 horas da manhã.

Presos

Chegaram hontem o esta cidade, e marcharam em seguida pra Valença quatro hespanhoes sob a guarda do cabo Barboza, da policia do Porto.

Rebucados milagrosos

Na secção competente começamos hoje a inserir, um annuncio dos magnificos rebucados milagrosos, que pelas suas propriedades terapeuticas de prodigiosos effeitos, tem sido aconselhados por todos os mais distinctos medicos do paiz.

O grande numero de attestados, comprovam a efficacia d'este miraculooso preparado que tem feito curas extraordinarias.

«Bandeira Branca»

E' o titulo d'uma revista, legitimista, que acaba de apparecer n'esta cidade, dirigida pelo sr. Abundio da Silva.

Apresenta-se brilhantemente redigida. Mil venturas.

Musica

Toca amanhã no passeio publico a magnica banda de infantaria n.º 3.

E do nosso collega de Lisboa o «Correio Nacional» o artigo que sob a epigraphie «Tudo Commissionses», hoje transcrevemos.

SECÇÃO D'ANNUNCIOS

Maria Eugenia de Sá

TEM a honra de participar ás suas Ex.^{mas} freguezias, de que apesar de seu pae sr. Julio Cezar de Sá, ter deixado o seu antigo e acreditado «atelier» de costura, desde o dia 1.º de janeiro, continua a encarregar-se da confecção de toda a classe de vestidos, executados sempre pelos ultimos figurinos.

Garante a perfeição de todos os trabalhos que lhe forem confiados.

Vianna do Castello 14 de março de 1893. (120) Maria Eugenia de Sá.

VENDE-SE OU ARRENDA-SE

UMA casa de dous andares, n.º 24 a 28, na rua dos Manjões. Para esclarecimento dirigir a Felix José Fernandes, na mesma rua. (128)

JUSTIFICAÇÃO

NO juizo de direito d'esta comarca, e cartorio de Silva Campos, pendem seus termos uns autos de acção especial de justificação em que Victor Julio Vianna, d'esta cidade, allega que por sentença de seis de fevereiro do corrente anno, com transitio em julgado, foi habilitado como universal herdeiro de seu pae João Martins Vianna Junior, por elle reconhecido e perfilhado, e que este era filho legitimo de João Martins Vianna e esposa D. Rosa Leopoldina da Guia Gaviño, filho unico, succe-



THEATRO DIOGO BERNARDES

INAUGURAÇÃO COM QUATRO RECITAS DE ASSIGNATURA

NOS DIAS 19, 21, 22 E 23

PELA COMPANHIA DE OPERA COMICA PORTUGUEZA

SOB A DIRECÇÃO DE FRANCISCO CRUZ

1.ª recita sabbado, dia 19, com a opera-comica em 3 actos e quatro quadros

OS SINOS DE CORNEVILLE

PRINCIPIA A'S 8 HORAS DA NOITE EM PONTO

Os bilhetes acham-se á venda no estabelecimento do sr. Lobato até ás 6 horas da tarde do dia do espectáculo, e de noite no bilheteiro do theatro.

Os srs. assignantes tem preferencia até sexta-feira, 18, ao meio dia, e as assignaturas tem o abatimento de 10 p. c. sobre os preços seguintes:

Frizas da frente, com 6 entradas, 38000. Ditas do lado, idem, 28500.
Camarotes da frente, idem, 38000. Ditos do lado, idem, 28500. Ditos de 2.ª ordem, idem, 18500. Superior 500. Geral 400. Gallerias da frente 240. Ditas do lado 140. Entradas avulso 200 reis.



Teatro Diogo Bernardes

— PONTE DO LIMA —

Quinta-feira, 29 de Novembro de 1928

A's 21 horas

Despedida da Companhia

PALMIRA BASTOS-ALEXANDRE D'AZEVEDO

Director-gerente JORGE GRAVE

A magnifica peça extraída do romance de
CAMILO CASTELO BRANCO
por D. JOÃO DA CAMARA

Amôr de Perdição

Grandes novidades no desempenho

PERSONAGENS

Mariana

PALMIRA BASTOS

O Ferrador

ALEXANDRE D'AZEVEDO

Tereza	Constança Navarro
Rita Preciosa	M. Judice da Costa
Felismina	Maria Lagoa
Barbara	Maria Campos
Constança	Aurora Dubini
A Prelada	Maria Judice
Simão Botelho	Tarquinio Vieira
Domingos Botelho	H. d'Albuquerque
Camilo de S. Miguel	Jorge Grave
Thadeu d'Albuquerque	Rafael Alves
Baltazar Coutinho	José Cardoso
D. Manuel Lopes	Pereira Saraiva

Marinheiros — Homens e mulheres do Povo,
Soldados, etc.

Guarda-roupa do costumier Castelo Branco
Cabeleiras de Victor Manuel

A Empresa reserva-se o direito de não restituir a importancia dos bilhetes, se, por qualquer motivo estranho á sua vontade, tiver de suspender o espectáculo depois de começado.

Preços—Frizas 65\$00; Camarotes de 1.ª, 55\$00; Ditos de 2.ª, 22\$50; Fauteuils, 15\$00; Superior, 12\$50; Geral, 10\$00 e Galerias, 3\$50.

Tip. Guimarães — Ponte do Lima

EM 3 DE OUTUBRO: A JUSTICEIRA

Film policial por RENÉ NAVARRE e ELMIRE VAULTIER, protagonistas de VIDOCQ e a estreia do notável dueto cómico-serio italo-hespanhol GALLI-BRESCIA.



TEATRO DIOGO BERNARDES

SEGUNDA — 16 de Agosto — SEGUNDA

1926 A's 10 horas da noite

Sensacional sessão cinematografica

em beneficio do pianista do teatro

MANUEL BASILIO FRANCO

Amor de Outrora

(6 partes—2.000 metros)

Interessante e esplêndida comédia dramatica por distintos artistas americanos entre os quais

DORIS KENYON



CAMILO GROOM

Desopilante comédia burlesca em 2 actos, pelo engracado e nável cómico ALAN ST JOHN

LISBOA--MADRID (Civil)

FOOT-BALL (fita natural)

Este programa pode ser alterado por qualquer circunstância imprevista

Se por qualquer motivo fôr suspenso o espectáculo, não será restituída a importancia dos bilhetes.

O Cantor Louco, film de uma invulgar força dramática, tem, além de tudo, uma cena, assombrosa, estupenda, em que Al Jolson canta após a morte do seu filhinho

A Empresa Diogo Bernardes
apresenta nos dias 5 e 6 de Mar-
ço, pela primeira vez, nesta vila, o

CINEMA SONORO

No dia 5, sábado, será exibida,
além de «Actualidades» e «Dese-
nhos animados», a grandiosa su-
per-produção de inegaláveis
méritos, brilhantemente interpre-
tada por Dolores Costello, Geor-
ge O'Brien e Luiza Fazenda

A ARCA DE NOÉ

E no dia 6, domingo, além de
«Actualidades» e «Desenhos ani-
mados», o comovente filme, inter-
pretado pela figura máxima do
fonocinema AL JOLSON

O CANTOR LOUCO

A aquisição dos bilhetes faz-se
desde já na Papelaria Guimarães

PREÇOS

Assinatura (cada noite)

Frizas, 30\$00; Camarotes de 1.ª ordem,
22\$50; Idem, de 2.ª ordem, 15\$00; Supe-
rior, 5\$00; Geral, 3\$75 e Galerias, 2\$00.

Avulso

Frizas, 45\$00; Camarotes de 1.ª ordem,
30\$00; Idem, de 2.ª ordem, 20\$00; Supe-
rior, 7\$50; Geral, 5\$00 e Galerias, 2\$50.

A Arca de Noé tem cenas da evocação bíblica que excedem em grandiosidade tudo que se tem feito até hoje, sendo extraordinária a filmagem da reconstrução do DILUVIO

Teatro Diogo Bernardes

===== PONTE DO LIMA =====

≡ ÉPOCA CARNAVALESCA ≡



2--Interessantes Bailes de Carnaval--2

Domingo, 23 de Fevereiro de 1936 e Terça feira de Entrudo
abrilhantados pela Banda dos Artistas desta vila

NO BUFET—Serviço esmerado e bem sortido

Entrada gratis para todas as damas dançantes e
mascaras decentemente vestidas

Frizas e camarotes marcam-se no logar do costume

A Empresa reserva-se o direito de não restituir a importância dos bilhetes, se, por qualquer motivo estranho á sua vontade, tiver de suspender o espectáculo depois de começado.

PREÇOS—Frizas e Camarotes a 20\$00, 15\$00 e 2\$50; e Entradas a 2\$50 e \$50.

Tip. Guimarães—Ponte do Lima

empreitada de pedraria o mestre António Pereira Correia e a de carpintaria o mestre José Maria da Cunha.

Estes artistas davam assim forma a um projecto italianizado, também muito em voga no Brasil, por essa época. A avaliar por ilustrações do tempo e tendo em conta a longa estadia no Brasil do principal impulsor deste empreendimento, cremos que a inspiração tenha sido colhida no Teatro João Caetano, da cidade de Amparo, em São Paulo. Foi ele construído pouco tempo antes, em 1890, sob projecto de Garcia Redondo e terá orçado uns sessenta contos, pouco menos que o de Guarany, em Santos, atribuído ao mesmo autor. O *Diário de São Paulo*, no seu número de 20 de Março de 1890, dá conta das dificuldades financeiras daquele Teatro, alongando-se o articulista na sua descrição, nomeadamente do seu interior — lugares, palco, vestíbulo e bilheteira. O mesmo aconteceria com o Teatro Diogo Bernardes, três anos mais tarde, amplamente descrito pelo jornal vianês *Vida Nova*, na sua edição de Março de 1893.

Os interiores do edifício foram decorados ao gosto da época, destacando-se as pinturas do tecto da sala e o pano de boca, da autoria de Eduardo Reis, irmão do reputado pintor Carlos Reis, que João Rodrigues de Moraes contratou em Lisboa em 1896. As frisas foram forradas a papel inglês de tons rosa e *grenat*, com reposteiros de veludo e mobiliário austríaco. Das cadeiras *Thonet*, lacadas e com aplicações de madre-pérola, restam ainda dois exemplares.

A iluminação era feita com candeeiros de acetileno, em ferro forjado, em apliques e com um grande lustre central, tudo instalado pela firma «Belzeér», do Porto.

Ponte de Lima sentia já os reflexos da aculturação europeia e das suas elites intelectuais, que viam no teatro a mais sublime expressão da arte e do sentimento.

A festa de inauguração teve início a 19 de Setembro de 1896 e prolongou-se até ao dia 23. No programa de abertura destacou-se a Companhia de Ópera Cómica Portuguesa com «Os Sinos de Corneville».

Em 1920 ainda as *soirées* se mantinham vivas e eram animados os bailes de máscaras. Mas a novidade da luz eléctrica traz com ela ... *as últimas criações cinematográficas das melhores casas americanas e europeias*. O cinema mudo chegava a Ponte de Lima. O hebdomadário local *Kodak*, no seu número de 27 de Novembro de 1921, não esconde que esta inovação era ... *o desejo de avanço que anima alguns filhos desta terra ... que de tudo até agora tem carecido*.

Poucos anos mais tarde já se fala do cinema sonoro e o Teatro Diogo Bernardes, talvez ainda a título experimental, apresenta a 6 de Março de 1932 o primeiro filme com banda de som, «O Cantor Louco», com Al Jolson no principal papel. E a partir de 1934 já esta experiência é rotineira e a empresa dispõe de equipamento próprio que proporcionaria muitas ocasiões de alegria e distração a várias gerações de limianos. E assim foi até ao início da década de oitenta, prenúncio da morte do Teatro, incapaz de cometimentos mais afoitos que umas mascaradas carnavalescas de quando em quando.

Ameaçado por colapso estrutural e cedendo os seus caprichos decorativos à voragem do caruncho e da podridão, agonizava lentamente, esperando a misericórdia do camartelo ou de um fogo ocasional. E anuncia-



No final, o Teatro já só animava o Entrudo



A decrepitude de uma velha glória

va-se já a utilização do espaço para um corpo de armazéns e até para uma indústria de panificação.

Mas em boa hora a Câmara Municipal compreendeu o prejuízo e equacionou a solução. Em 1992, por sessenta mil contos, adquiriu o edifício ao seu proprietário Aurélio Pereira Fernandes e por um protocolo estabelecido com a Secretaria de Estado da Cultura, através do Instituto Português da Arte Cinematográfica e Audiovisual, viabiliza a sua recuperação.

ADELINO TITO DE MORAIS
(Licenciado em Relações Públicas)

Teatro Diogo Bernardes	Teatro Diogo Bernardes
Ponte de Lima	PONTE DE LIMA
Espectáculo N.º	Espectáculo N.º DATA
Preço 20\$00	Preço 20\$00 CAMAROTES
CAMAROTES	N.º
N.º	<i>Conservar este bilhete até ao final do espectáculo</i>

O PRESENTE

A REABILITAÇÃO

A Câmara Municipal de Ponte de Lima solicitou ao Gabinete de Apoio Técnico do Vale do Lima a elaboração do projecto de remodelação do edifício denominado Teatro Diogo Bernardes a 3 de Fevereiro de 1994.

Para tal, foram realizados pelo GAT os levantamentos topográfico e do edifício. O anteprojecto foi entregue em Agosto de 1995 e o projecto de execução em Junho de 1996. O concursamento da empreitada decorreu no segundo semestre do mesmo ano, bem como a sua adjudicação.

O desenvolvimento urbano na Vila de Ponte de Lima alterou a relação espacial da vila com o edifício do teatro. O alargamento de vias, a construção em altura, esventraram a malha urbana e deixaram visíveis frentes menos nobres da construção. A métrica e o desenho da fachada principal, rica em cantaria e na exuberância da fenestração, contrastam seriamente com as restantes fachadas.

O edifício, de planta rectangular, apresenta uma caixa de palco que se evidencia do restante volume da construção. Encontra-se envolvido por um logradouro com acessibilidade comum a uma construção do lado sul. A norte, entre o edifício e o arruamento adjacente, do qual se encontra separado por um muro, apresenta uma estreita faixa de terreno que alarga para a traseira da construção, espaço este fundamental para uma eventual ampliação.





A construção é, no seu essencial, em alvenaria de pedra rebocada, com os cunhais, cornijas e guarnecimentos de vãos em cantaria de granito da região. Estruturalmente, apresenta três corpos distintos ligados por paredes em alvenaria de pedra — o corpo do palco, o da sala de espectáculos e o corpo da entrada. Toda a restante estrutura, caixa do palco e teia, pavimentos e cobertura são em estrutura de madeira de pinho de riga. As paredes interiores são do tipo tabique e o telhado em telha marselha.

Após a sua construção, apenas sofre pequenas obras de adaptação que em nada o valorizam. São adaptados espaços para instalações sanitárias





e para um bar, qualquer um deles em condições muito deficientes. A sua utilização esporádica — na fase final apenas se realizavam bailes de Carnaval — torna-o mais sensível à deterioração e ao abandono. A degradação é, assim, inevitável. Posteriormente, durante a obra, verifica-se que a parede posterior da caixa de palco se encontra em risco de ruir.

A intervenção no Teatro Diogo Bernardes consistiu essencialmente em reabilitar o edifício, dotando-o de melhores condições e de modernidade. Basicamente, pretendeu-se salvaguardar os valores que justificaram a sua construção — o espectáculo.





Para isso foi necessário ter em conta as actuais exigências cénicas e de segurança, a diversidade de eventos, actividades e programação possíveis, bem como a frequência de um público cada vez mais esclarecido e informado.

Em síntese, tratou-se de conciliar a comodidade e funcionalidade dos espaços existentes e propostos com as novas tecnologias e equipamentos aplicados, com as actuais regras de segurança, iluminação e acústica, tendo sempre presente a futura gestão deste espaço em termos



produtivos, de manutenção e de competição com outros espaços no mercado do espectáculo.

Assim, a primeira necessidade consistiu em redimensionar os bastidores e a área de público. A ampliação da construção sobre o logradouro era, portanto, inevitável.

A ampliação possível levou à criação de um corpo autónomo no espaço de logradouro, entre a construção e o arruamento, e por detrás desta. O muro deu lugar a um soco em granito bojardado que se prolonga





desde a construção no fundo da rua até à esquina do Teatro, onde apenas se abrem dois vãos — o portão do pátio do armazém e o acesso à zona dos novos camarins. Este volume é rematado superiormente por um friso também em pedra e serve de envazamento a um corpo em vidro rematado com uma cobertura metálica, que se sobrepõe a um outro corpo mais baixo, rebocado e pintado de branco, onde apenas se abrem duas grelhas de ventilação — a da copa do bar e a da instalação sanitária para deficientes motores. Este corpo contorna o cunhal do alçado tardo da construção, sobrepondo-se ao do armazém.

A pedra, o vidro e o reboco pintado, materiais tradicionais na construção, são no corpo novo, utilizados com um espírito diferente, como que de um cenário se tratasse, numa sequência de planos, em tensão uns com os outros, num equilíbrio volumétrico da massa construída. Foi conseguido o envazamento necessário para equilíbrio da fachada lateral.

Na frente da construção é criado um patamar em lajedo e perpeanho de granito idêntico ao do edifício e uma pala de ferro e vidro, recreando uma que outrora existiu.

É no corpo do palco que se dá uma profunda alteração estrutural e funcional. Os contrafortes propostos no alçado posterior ligados por vigas metálicas ao proscénio, permitem não só a estabilidade do conjunto, como também libertarem o palco dos pilares de apoio das varandas laterais, alargando-lhe a sua área útil, e reforçam a teia existente em madeira, permitindo a sobrecarga de equipamento cénico adequado. O subpalco fica totalmente amplo e a caixa de escada existente no corpo do palco é enclausurada. Nesta circulação, que se desenvolve do subpalco à teia, são mantidos três camarins — dois individuais e um de apoio ao palco. Por este acesso vertical o corpo do palco fica ligado aos dois camarins



colectivos e respectivos balneários, projectados para o corpo novo. Na traseira do edifício, no interior de um pátio, é criado um armazém com cais de descarga para ligação ao subpalco. São, assim, criados acessos distintos de pessoas e de carga à caixa do palco. O equipamento pesado de climatização localiza-se numa cabine técnica criada nas traseiras, em continuidade com o corpo dos camarins.

Os equipamentos de comandos cénicos, de som, imagem e segurança são complementados na *régie*, que se encontra localizada no antigo «galinheiro». A sala também está equipada para projecção de vídeo.

O corpo da sala é o espaço que, aparentemente, não recebe alterações sensíveis. A estrutura dos camarotes mantém-se no essencial. São usadas cores neutras e escuras na pintura. Foram escolhidos vários tons de cinzento para sobressair o trabalho de marcenaria da frente dos camarotes e o vermelho *grenat* para a parede de fundo. Aplicações em folha de ouro, conforme a decoração original, dão o toque último necessário à sala. Na ampliação da área de público são criadas instalações sanitárias e um bar com copa de apoio.

Inserido no corpo de vidro, o bar, local de descontração, pretende, de um modo informal, transportar para fora da boca de cena um cenário em que o público se sinta participante, numa desmitificação do próprio espectáculo.

O corpo da frente é constituído por três módulos — o central, de maior dimensão e dois laterais. Um destes apresenta um acesso vertical com as dimensões possíveis em relação ao espaço existente e que permite ser individualizado com portas, podendo ter acesso apenas do exterior e servir independentemente qualquer dos pisos. No último piso prevê-se o

funcionamento do secretariado. No módulo oposto é criado no piso zero uma recepção que funciona como portaria, informações, venda de bilhetes, secretariado de congressos, seminários, etc. Com o seccionamento possível, o salão nobre e o vestibulo podem funcionar como áreas de exposição, utilizando o bar e as instalações sanitárias, sem invadir o corpo da sala de espectáculos.

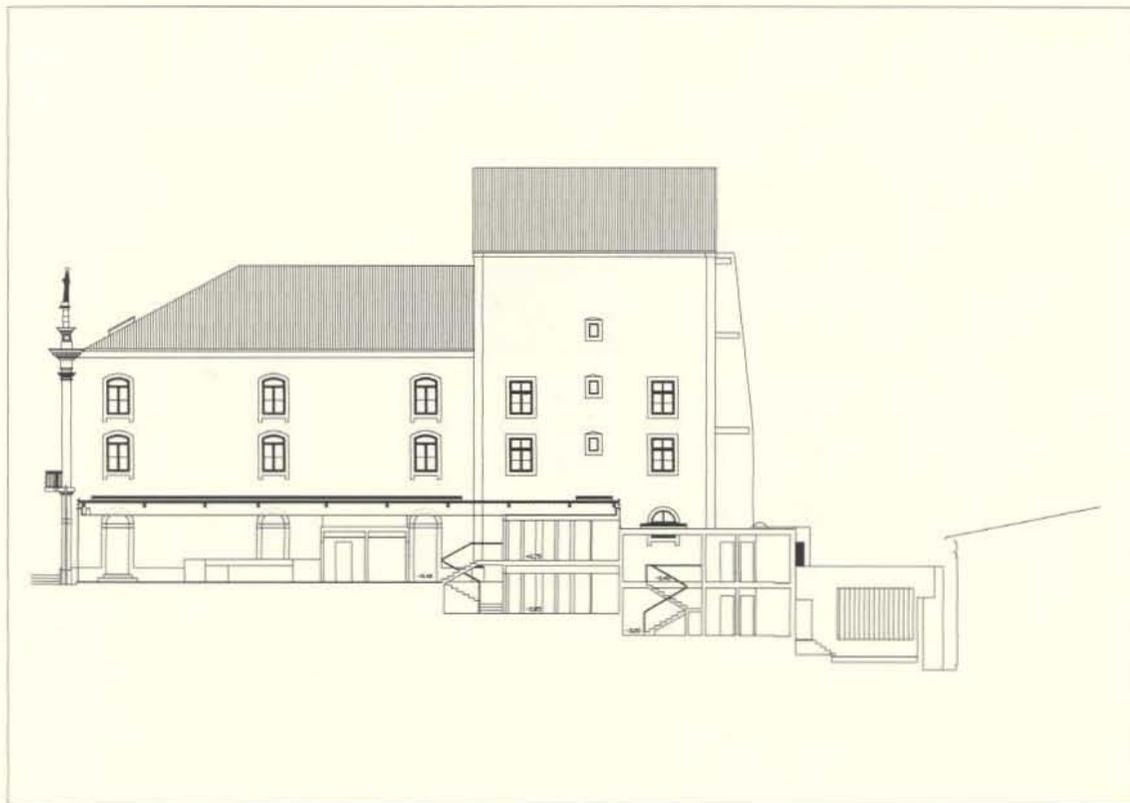
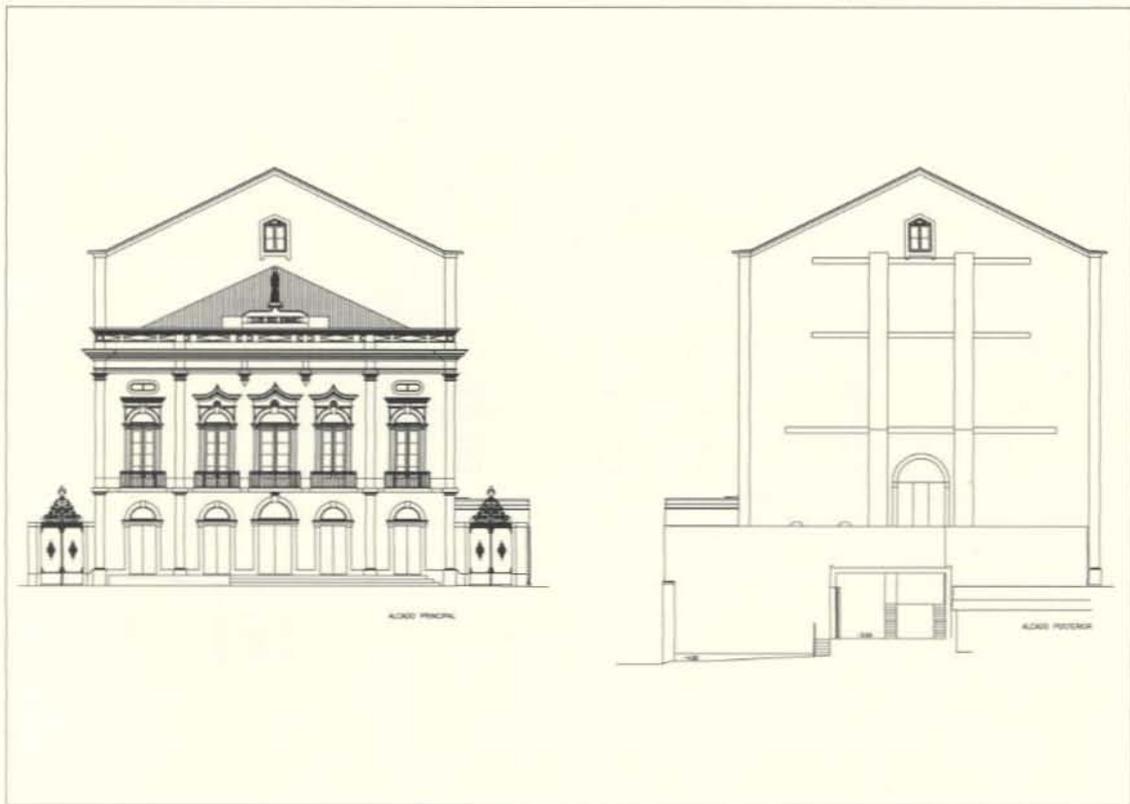
O corpo novo é construído num sistema de paredes e lajes em betão armado. As coberturas são isoladas térmica e acusticamente com painéis rígidos de lã mineral de alta densidade e impermeabilizadas com tela de PVC.

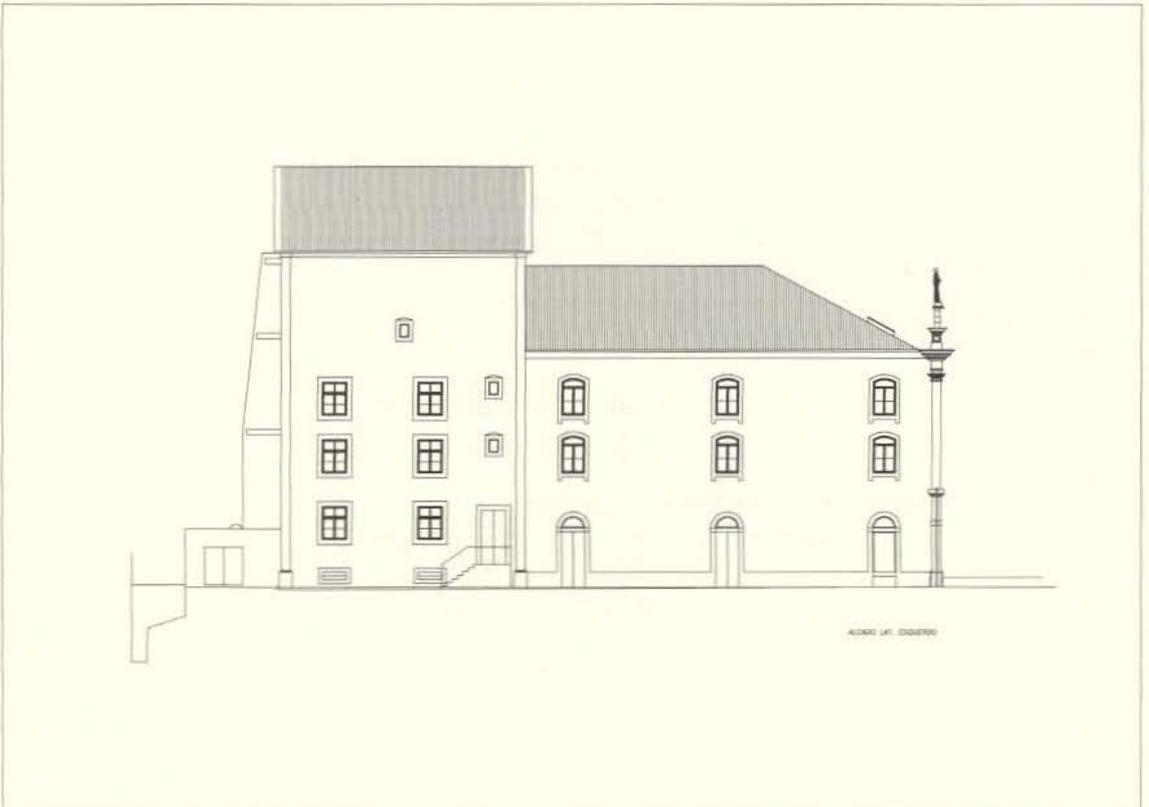
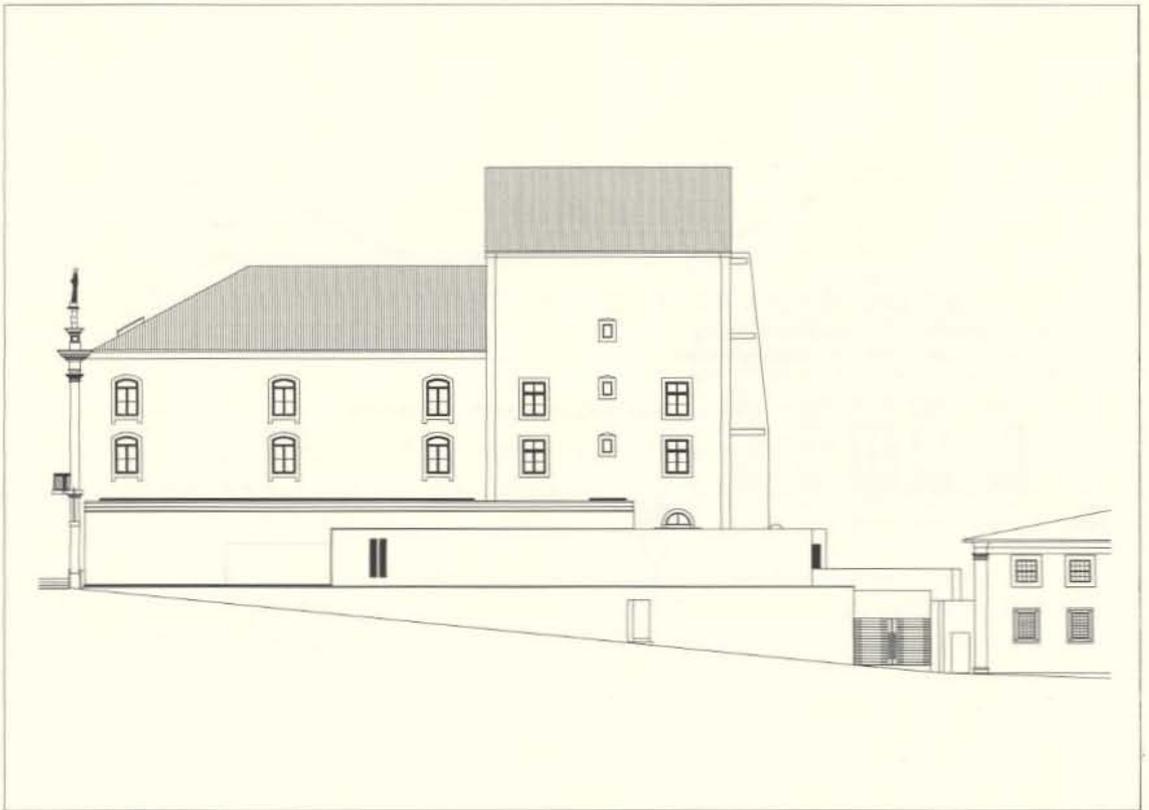
No corpo de vidro, a cobertura é constituída por painéis metálicos em chapa dupla, com polibetano no interior para isolamento térmico. O isolamento acústico é conseguido com lã mineral sobre o tecto falso.

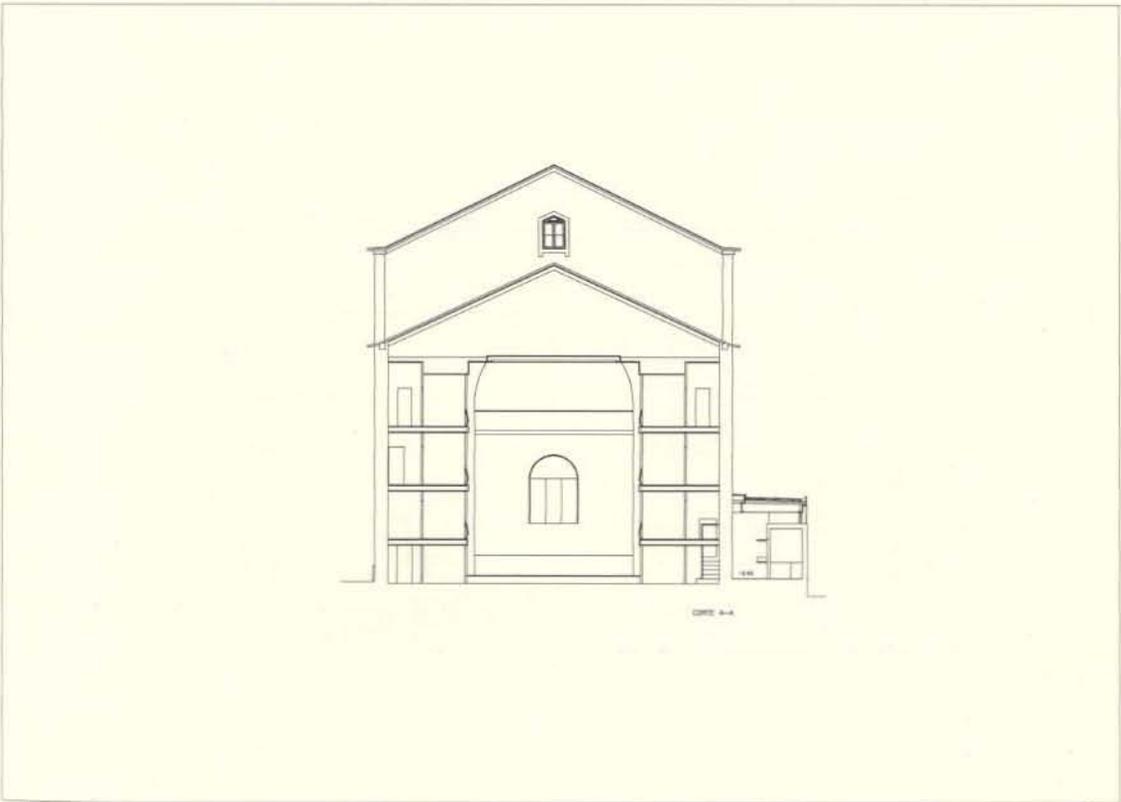
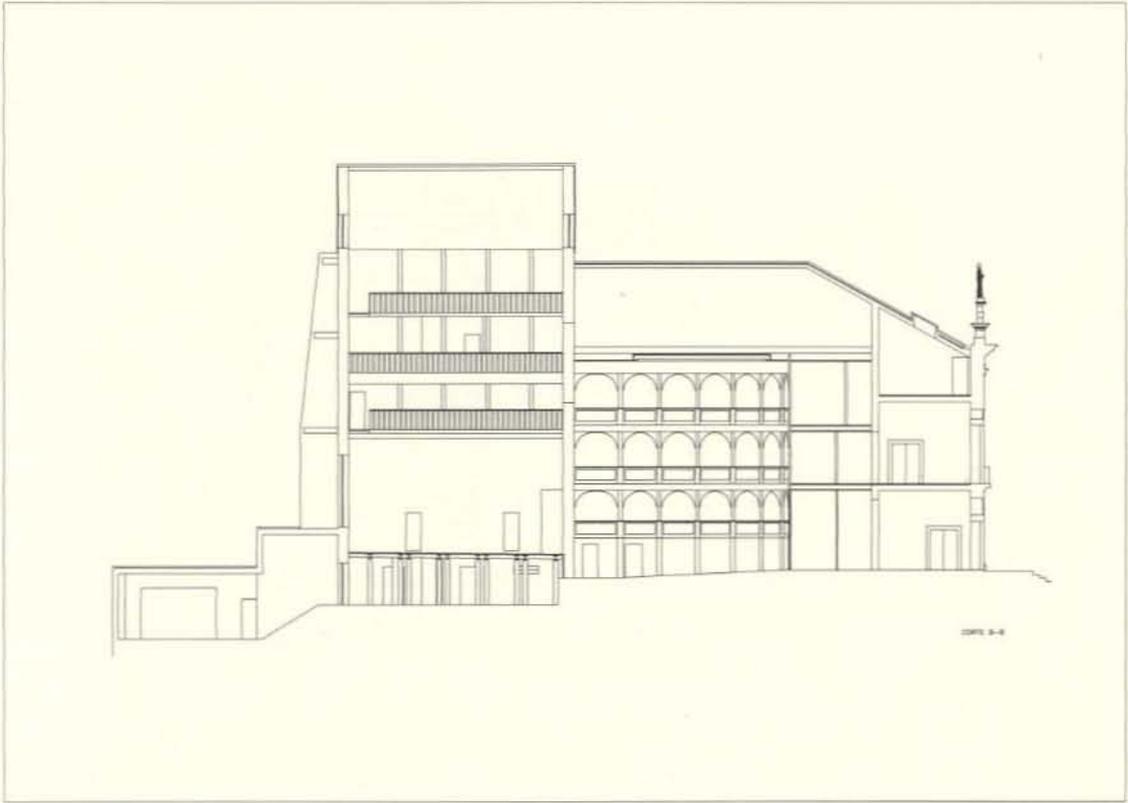
No edifício primitivo, a cobertura revestida a telha com caleiras embebidas a seguir ao beirado, é também isolada com painéis rígidos de lã mineral de alta densidade e impermeabilizada com chapa ondulada flexível assente no madeiramento existente.

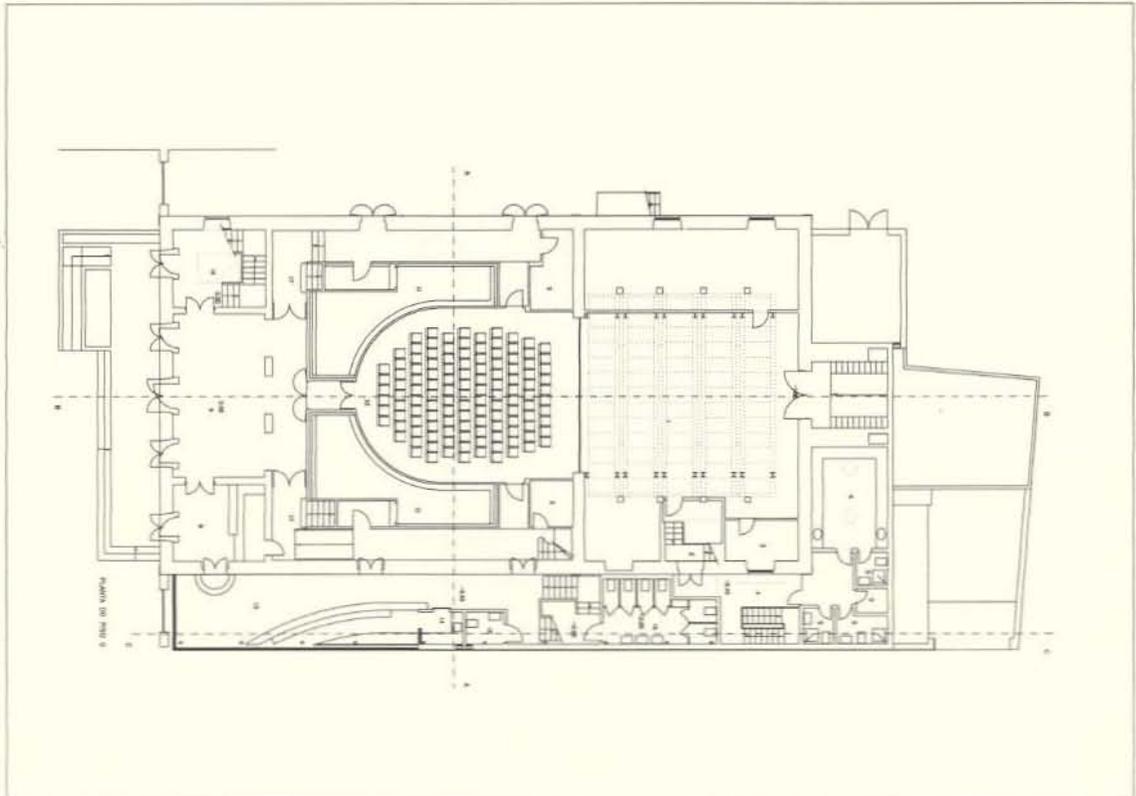
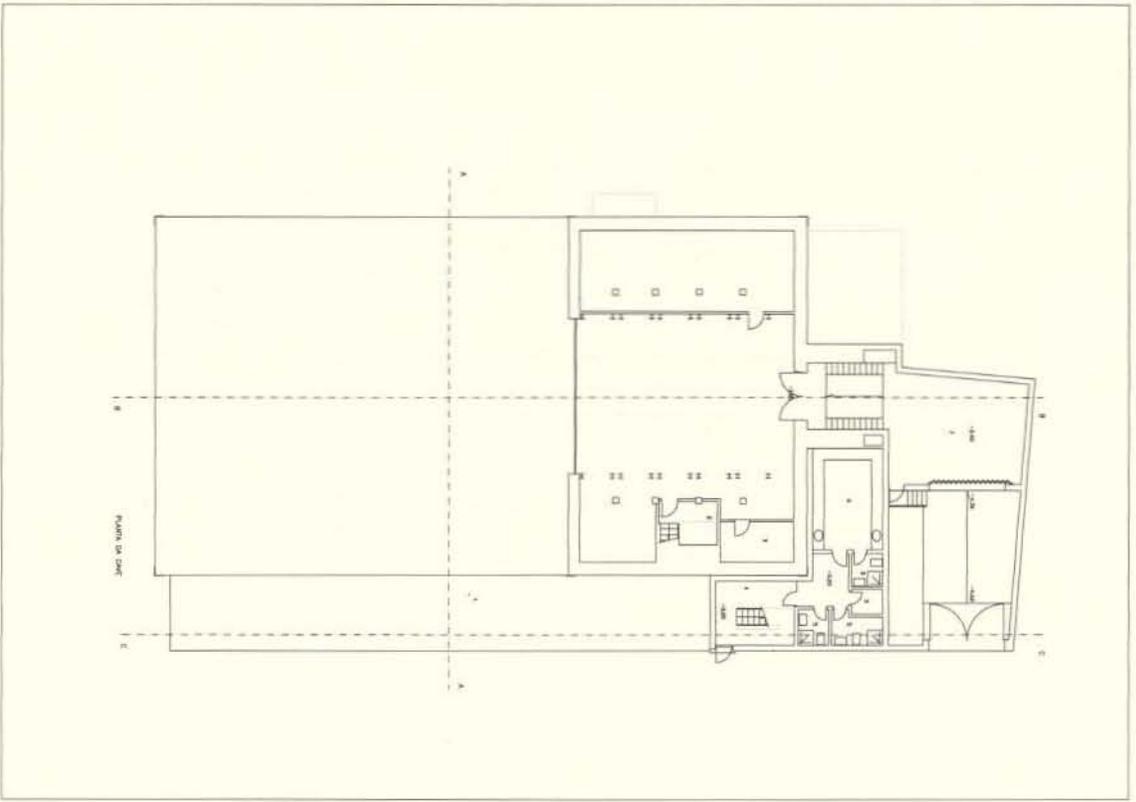
Todas as paredes exteriores são isoladas termicamente e recorre-se ao uso de placas de gesso cartonado para recuperação de paredes de tabique e em paredes ligeiras onde o isolamento contra o risco de incêndios se justifica.

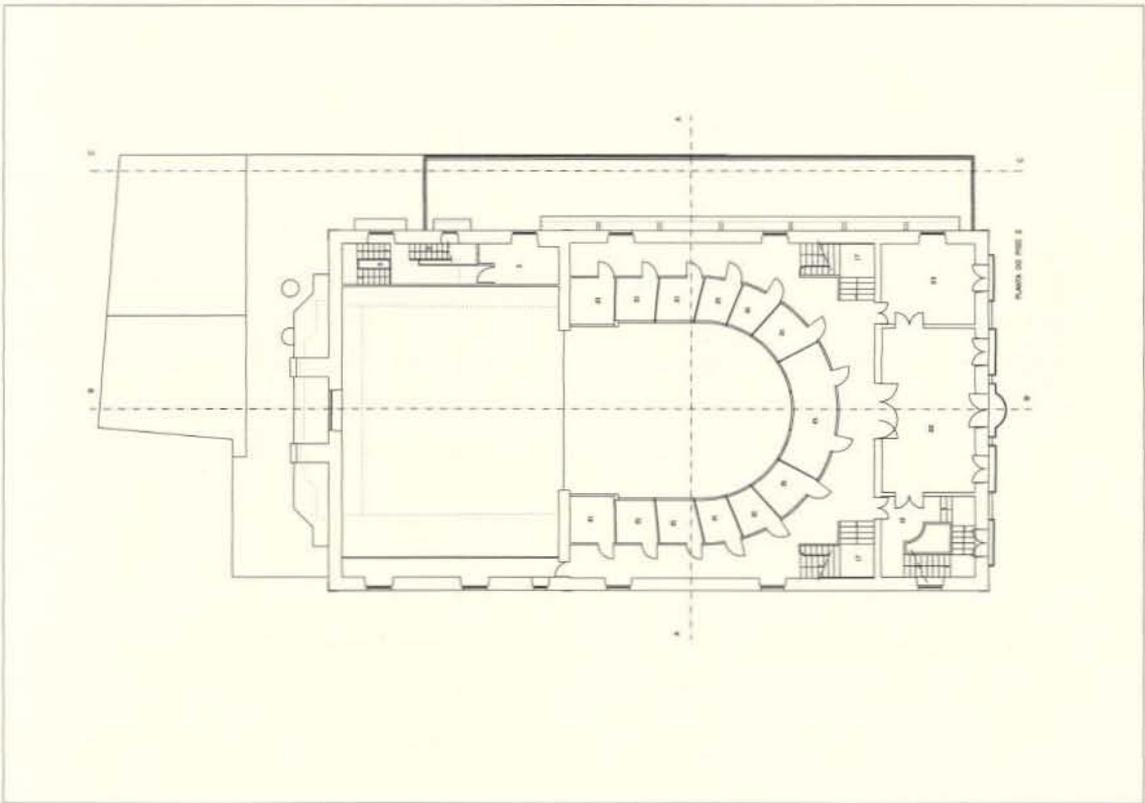
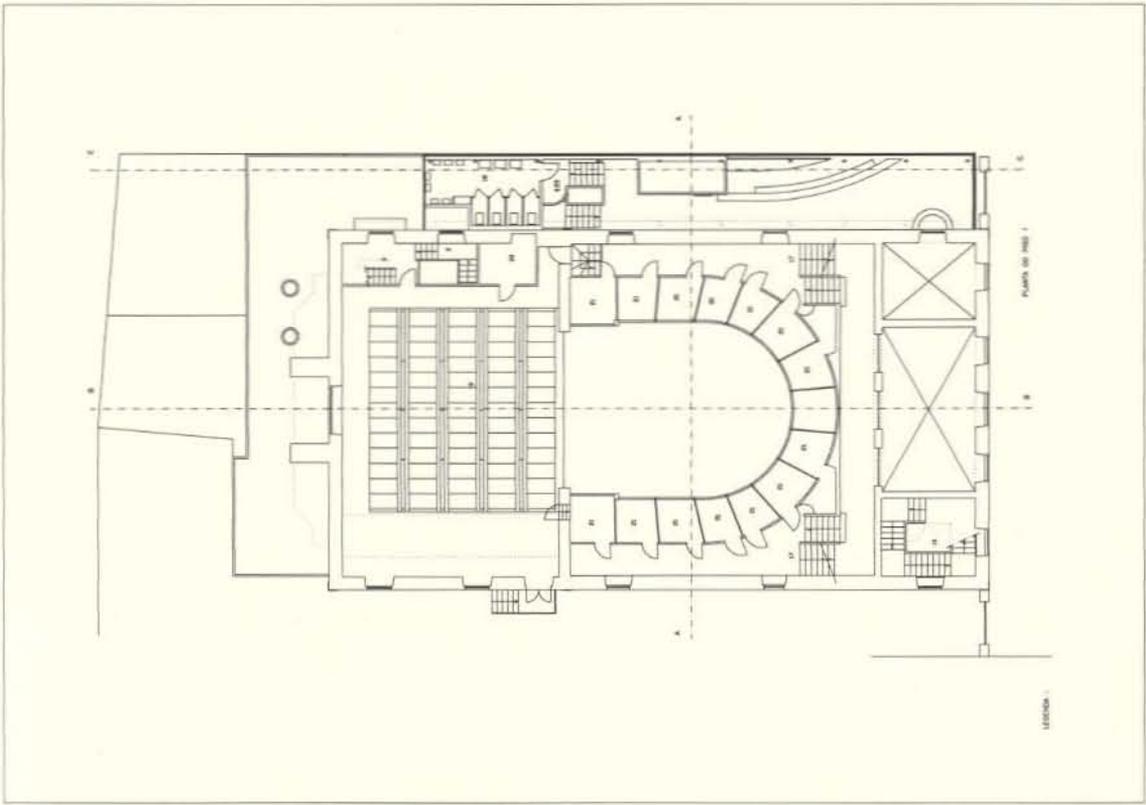
LUÍS FARO VIANA
(Arquitecto-Autor do Projecto Geral)

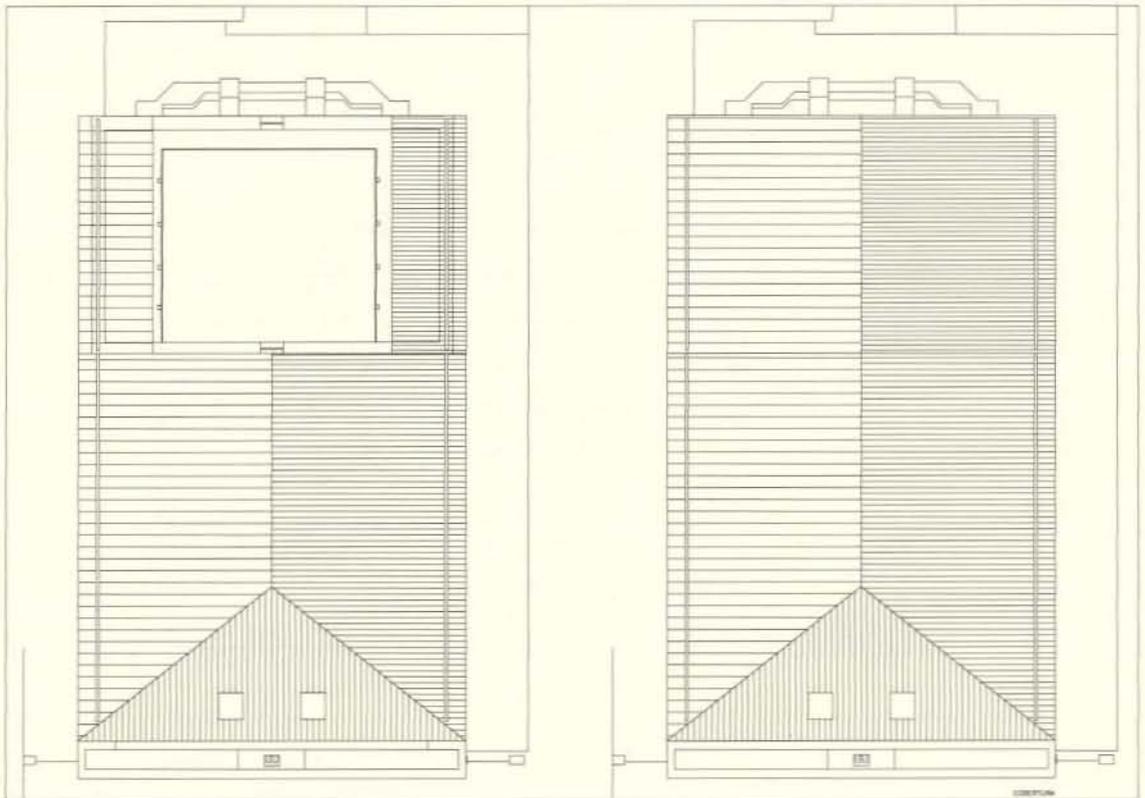
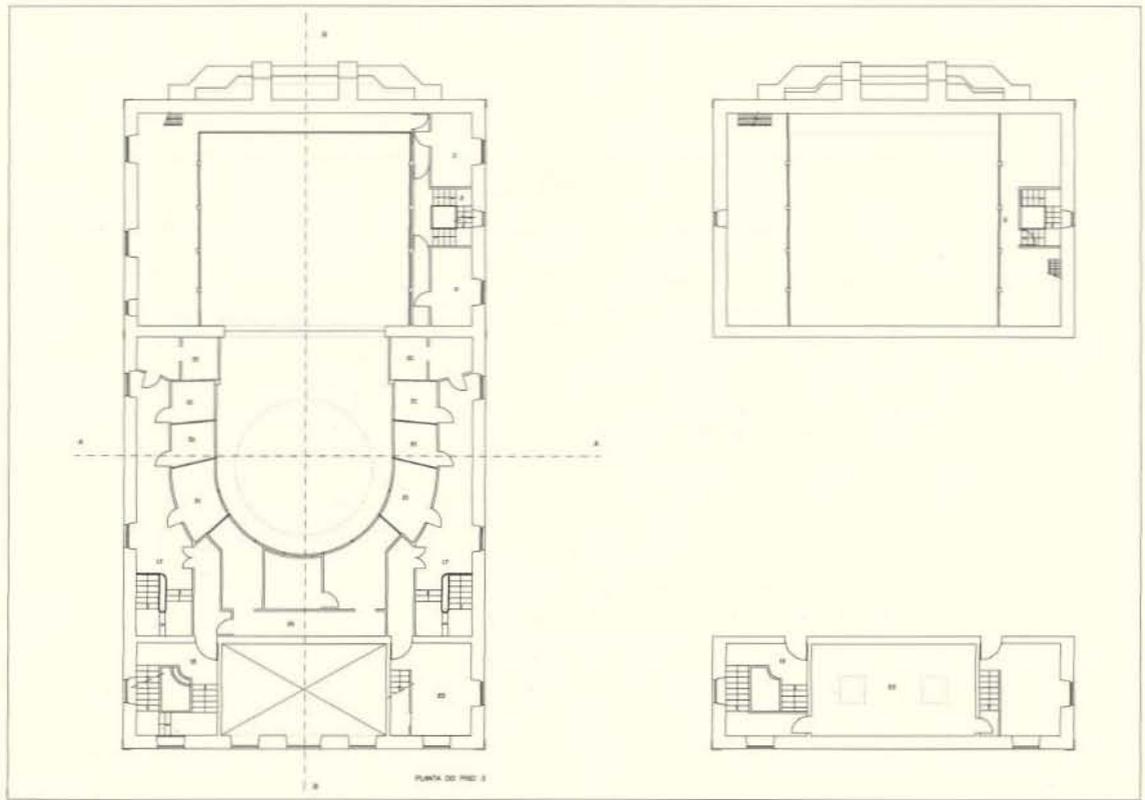








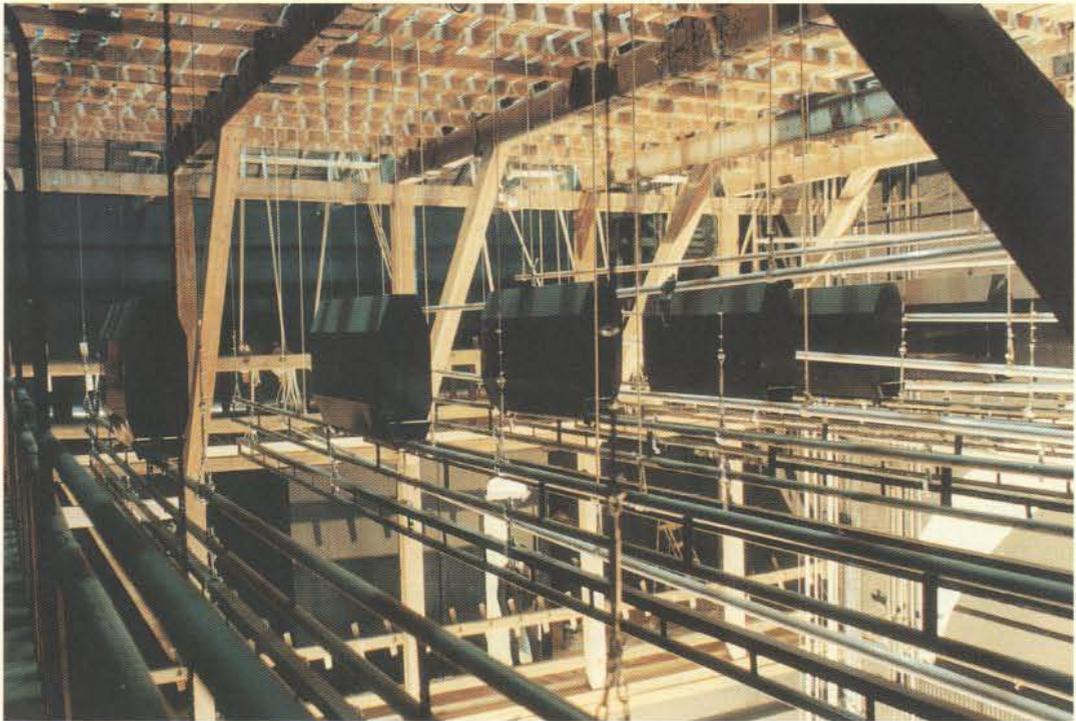




Após uma primeira fase de obras na caixa de palco e na sala, integradas na recuperação de todo o imóvel que se encontrava num estado avançado de degradação, procedeu-se à instalação de equipamento de segurança devido à ampla diversidade de utilizações a que o Teatro está sujeito e com todos os riscos inerentes, principalmente de incêndio. Dotou-se também toda a caixa de palco e sala com infra-estruturas e equipamento técnicos de cena, tendo como objectivos principais fornecer às estruturas produtivas de espectáculos uma ampla diversidade de soluções técnicas de montagem, diminuir ao máximo os obstáculos à manobra cénica na caixa de palco, bem como permitir uma fácil expansão de todo o sistema e compatibilização com outros equipamentos técnicos (iluminação, som, A/V).

As maiores intervenções a nível de segurança dizem respeito à instalação de um pano de ferro na boca de cena, constituído por duas folhas (peso total de cerca de 8000 kg) contrabalançadas e assistidas por cilindro hidráulico para subida e descida e por uma rede de *springlers* em toda a caixa de palco e camarins adjacentes a esta.





Infra-estrutura de mecânica cénica

Caixa de palco:

Varas motorizadas

8 varas de carga em aço

carga útil 500 kg

equipadas com vara electrificada de 16 circuitos

suspensa por 4 linhas de cabo de aço de 6 mm de diâmetro

equipadas com cesto central de recolha de cabos eléctricos

Varas manuais

40 carretos de cabeça amovíveis montados em perfil metálico
60 carretos simples de desvio amovíveis
40 carretos simples de desvio deslocáveis
20 varas de tubo de alumínio 50 mm diâmetro com 9 metros comp.
10 varas de tubo de alumínio 50 mm diâmetro com 3 m comp.
corda em cânhamo de 10 mm diâmetro
malaguetas em madeira fixas nas varandas

Varas contrapesadas para pano de boca e cortina de boca

2 varas de carga
carga útil de 300 kg
4 linhas de cabo de aço de 6 mm de diâmetro
cesto para pesos
pesos de 6 kg
corda de manobra de cânhamo de 22 mm diâmetro
travão de excêntricos

Pontuais motorizados

2 diferenciais eléctricos para 250 kg
suspensão por corrente
cesto de recolha de corrente
tripé para colocação em qualquer ponto da teia

Vara de proscénio

estrutura em alumínio em forma de treliça
vara electrificada com oito circuitos
suspensão em duas linhas em corrente
dois diferenciais eléctricos com corrente
carga útil de 500 kg
todo este equipamento é amovível



Estrutura de suporte de projectores nos camarotes

1 anel em tubo de 50 mm diâmetro a toda a volta de cada piso de camarotes

Infra-estrutura de iluminação cénica

Rede de distribuição de DMX 512, na caixa de palco e sala

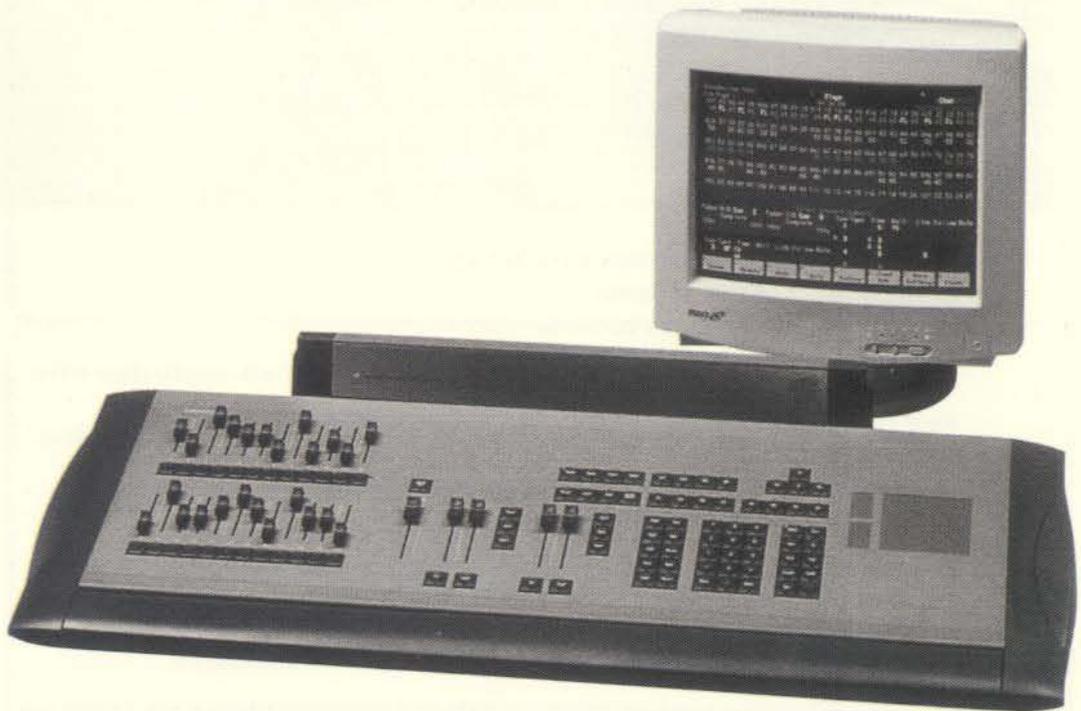
8 × 16 circuitos independentes em tomadas *schuko* instalados nas varas motorizadas

8 circuitos instalados em caixas na caixa do palco e camarotes e frisas

10 tomadas CEE 32A para alimentação de *dimmers* portáteis na caixa de palco

1 tomada CEE 63A

1 tomada CEE 125A



Equipamento de iluminação

Mesa de luz ETC Express 250, 250 canais, DMX 512, máximo de 1024 *dimmers*
Splitter DMX 512 1 entrada/6 saídas

4 *dimmers* de 6 × 3 KW

15 *dimmers* de 12 × 3 KW montados em *rack* para alimentação de infra-estrutura de iluminação cénica

4 projectores PC 2000 W c/ palas

40 projectores PC 1200 W c/ palas

20 projectores PAR 64

10 projectores recorte c/ condensador e *zoom* 9º/20º, 1200 W

10 projectores recorte c/ condensador e *zoom* 15º/38º, 1200 W

10 projectores recorte c/ condensador e *zoom* 38º/57º, 1200 W

4 projectores recorte c/ condensador e *zoom* 10º/22º, 2000 W

15 projectores assimétricos para ciclorama 1000 W

8 projectores PC 650 W c/ palas

8 projectores recorte c/ condensador e *zoom* 16º/35º, 650 W

Infra-estrutura de áudio

rede de circuitos de alimentação de 220 V, com isolamento para alimentação de equipamentos áudio

rede de distribuição e aquisição de sinal áudio em linhas balanceadas

24 linhas balanceadas da central áudio para *régie* superior

24 linhas balanceadas da central áudio para *régie* inferior

rede de distribuição de sinal amplificado áudio

stage-box de 32 linhas

Equipamento áudio

Fontes de sinal áudio

leitor-gravador digital multipistas Minidisc Sony MDS-E55

leitor de Compact Disc Denon DN-1000F

leitor-gravador de cassetes compactas DENON DN-720R



Fontes de captação áudio

6 microfones dinâmicos cardióide AKG D-3800

Sistema de microfones sem fio UHF

2 receptores AKG SR 300

2 microfones de mão sem fio, por UHF, contituídos por:

- a) 2 cabeças de microfone AKG C5900 WL 300
- b) 2 emissores de mão sem cabeça AKG WMS 300 HT

2 microfones de lapela sem fio, por UHF, constituídos por:

- a) 2 cápsulas para emissor de bolso AKG CK77 WL 300
- b) 2 emissores de bolso AKG PT-300

Processamento de sinal

1 processador de efeitos digital Roland AX-700

Equalização

3 equalizadores *stereo* de 31 bandas Roland EQ-231

Mistura

mesa de mistura 16/8/2 com matriz Soundcraft Spirit Live 8-16

Amplificação e difusão

4 colunas activas de 2 vias com amplificação de 150 W + 75 W RMS DAS DS 15 sistema Turbosound Impact 1280 P de 1800 W, composto por:

- a) amplificador Turbosound IA-1400
- b) 2 mastros para coluna

- c) 2 colunas passivas Turbosound Impact 120
- d) 2 colunas de graves Turbosound Impact 180

sistema Turbosound Impact 1200 P de 800 W, composto por:

- a) amplificador Turbosound IA-1400
- b) 2 cabos Speakons de 5 metros
- c) 2 tripés para colunas
- d) 2 colunas Turbosound Impact 120

Auscultador sem fios UHF AKG K205

Equipamento de intercomunicação

Central/Fonte de alimentação

Central constituída por:

- a) estação central TECPRO MS721, com dois circuitos
- b) auscultador simples c/ micro SMH210

Estações móveis

6 estações móveis, constituídas por:

- a) 6 estações individuais portáteis BELPASCK BP111, com um circuito
- b) 6 auscultadores simples c/ micro SMH210



ERNESTO COSTA

(Responsável Técnico pelo equipamento de luz e som)

O FUTURO

A REANIMAÇÃO

O Teatro Diogo Bernardes, nascido no século passado por vontade de pessoas que procuraram criar um espaço que desse voz a actos culturais e permitisse que a população tivesse acesso aos mesmos, criou laços de afectividade que passaram por várias gerações e que se mantêm actualmente, apesar da inactividade a que o mesmo esteve sujeito nos últimos anos.

Por isso, se entendem as grandes expectativas criadas aquando da sua aquisição, pela Câmara Municipal de Ponte de Lima, expectativas essas que aumentaram à medida que as obras de remodelação eram efectuadas, havendo um crescente interesse pela sua reabertura.

A partir da conclusão as obras do Teatro Diogo Bernardes e da sua entrada em funcionamento, para acolher os diferentes tipos de espectáculo, um novo caminho se abre no panorama cultural limiano, que obriga a um percurso cuidado e diversificado na programação das actividades a levar a efeito.

O desenho cultural do Teatro Diogo Bernardes que nos foi deixado pelo passado, possui pontos importantes para serem ligados com essa nova programação, nomeadamente nos pressupostos que indicam os fins deste espaço, ou seja, o *teatro*. Não significa esta análise que se fique agarrado à sacralização do espaço como exclusivo de uma só actividade,

até porque, também no passado, ele teve outras utilizações, que agora podem e devem ser recuperadas.

Diria que, num compromisso entre o passado e o futuro, é possível programar, sem descaracterizar este remodelado espaço, nas suas diferentes funções culturais e sociais.

Para além do público limiano, também o crescente número de pessoas que afluem a Ponte de Lima terá de ser considerado para as formas de programação do Teatro Diogo Bernardes, dando resposta a interesses culturais diversificados, mas que sirvam como referência qualitativa da nossa forma de estar e caracterizem uma cultura própria de produção, difusão e animação.

A população limiana fruenta, ou potencialmente fruenta, de produtos culturais, não é em número suficiente para garantir uma permanência de espectáculos que se prolonguem por muitos dias consecutivos. Daí a necessidade de se considerarem os dois vectores que parecem essenciais na nova programação — a diversidade das acções e a cativação de outros públicos, que não só os limianos.

Com uma vila e um concelho em permanente desenvolvimento, este novo espaço contribuirá para que as estruturas culturais concelhias possam apresentar as suas actividades, desde que as mesmas se enquadrem nas características físicas do edifício e nos propósitos da acção cultural que lhe será destinada.

Os Grupos de Teatro, as Bandas de Música, as Escolas de Música, Orquestras, Grupos de Música Popular, Grupos Corais, etc., deverão ter um papel importante na vida do Teatro Diogo Bernardes.

Por outro lado, não serão de forma alguma descuradas as acções de âmbito regional e nacional, as quais deverão proporcionar ao público limiano formas de acesso a espectáculos de cariz profissional, que possibilitem um confronto de ideias e formas de ver, até aqui só possíveis com deslocações às grandes capitais, ou através dos meios de comunicação audiovisual.

Temos pela frente um grande e interessante desafio. Resta agora iniciar a comunicação com os públicos e dar corpo àquilo a que nos vamos propor no que concerne à programação. Todos temos o nosso contributo a dar nos diferentes campos de acção, quer seja assistindo a espectáculos, quer seja contribuindo com a presença de Grupos dos quais fazemos parte.

Espera-se que este «novo» Teatro tenha um importante reflexo nas comunidades circundantes e que o seu equipamento seja rentabilizado de forma eficaz, para que o resultado final seja visível, numa diferente forma de estar perante os actos culturais.

JOSÉ DANTAS LIMA

(Director do Teatro Diogo Bernardes)



DE LIMA • 1893 • PONTE DE LIMA • 1999 • PONTE DE

